

## A GRAMATICALIZAÇÃO DE *EMBORA*: UM CASO PROTOTÍPICO

Francisco Jardes Nobre de Araújo  
Mestrando em Linguística/Programa de Pós-Graduação em Linguística, da  
Universidade Federal do Ceará

### RESUMO

O artigo mostra o processo de gramaticalização sofrido pelo item *embora*, desde sua origem como expressão optativa no português arcaico até seus usos com diferentes funções gramaticais no português contemporâneo. Inicia fazendo uma breve abordagem dos conceitos sobre a gramaticalização e os fenômenos a ela associados, utilizando como fundamentação teórica trabalhos de Heine, Hopper, Lehmann, Bybee, Neves, Martelotta e Felício, entre outros. Objetiva ir além da observação costumeiramente feita pelas gramáticas tradicionais ao citar *embora* como um exemplo de palavra formada pelo processo de composição por aglutinação e fornecer subsídios para o entendimento das mudanças sintáticas e semânticas por que passou a palavra. Para ilustrar as ocorrências de *embora* em seus mais diversos contextos, estágios e funções, utiliza exemplos retirados do *corpus* de Felício (2008) e de algumas canções populares brasileiras. Conclui que a gramaticalização de *embora* constitui um caso prototípico do fenômeno em língua portuguesa, uma vez que apresenta todas as etapas e tendências apontadas pelos grandes estudiosos do assunto.

**Palavras-chave:** Gramaticalização. Conjunção. Embora.

### O QUE É GRAMATICALIZAÇÃO

“A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem.” Foi com esse *slogan* que Givón (1971, citado por NEVES, 2004) reacendeu o interesse, na década de 1970, pelo estudo da gramaticalização, um dos fenômenos mais relevantes no Funcionalismo em Linguística. Apesar dos recentes estudos feitos acerca do assunto, o fenômeno da gramaticalização já vem sendo estudado, segundo Heine *et al.* (1991b, pp. 5-11, citado por NEVES, 2004), desde o século X pelos chineses.

Antes de o termo *gramaticalização* ser cunhado, o conceito já tinha sido desenvolvido nos trabalhos de Bopp (1816), Schlegel (1818), Humboldt (1825) e Gabelentz (1891). Humboldt, por exemplo, defendia a ideia de linguagem evolutiva, sugerindo que, em todas as línguas, as estruturas gramaticais evoluíram a partir de um estágio de língua em que havia apenas palavras para objetos concretos e ideias. Em 1912, o linguista francês Meillet, em sua obra *L'évolution des formes grammaticales*, cunhou o termo *gramaticalização* com o sentido em que é usado ainda hoje: “a atribuição de caráter gramatical a uma palavra anteriormente

autônoma”. Em seu trabalho, Meillet mostrou que o que interessava não era a origem das formas gramaticais, mas suas transformações.

Com as ideias estruturalistas vigorando durante a segunda metade do século XX, os linguistas perderam o interesse pelo estudo da mudança gramatical ao longo do tempo. À época, estavam muito em voga os estudos sincrônicos da mudança linguística, que marginalizavam abordagens históricas, como a gramaticalização. Somente alguns indo-europeístas, como Kurylowicz e Watkins, deram importância ao fenômeno, visto por eles como um instrumento para explicar a mudança linguística.

O interesse pela gramaticalização começou a crescer novamente durante a década de 1970, como mencionado acima. Um trabalho muito influente nesse campo foi o de Lehmann (1982), que deu continuidade às pesquisas do período anterior e proporcionou um grande avanço na área, ao criar um conjunto de “parâmetros”, um método pelo qual a gramaticalidade poderia ser medida tanto sincrônica quanto diacronicamente.

Outro trabalho importante foi o de Heine e Reh (1984), que enfocava as línguas africanas sincronicamente e do ponto de vista da gramaticalização. Os autores viam a gramaticalização como uma importante ferramenta para descrever o funcionamento das línguas e seus aspectos universais, fornecendo uma lista exaustiva dos caminhos da gramaticalização.

Para se compreender o conceito de gramaticalização, é preciso antes considerar a distinção feita entre as formas linguísticas em dois tipos: categorias lexicais e categorias gramaticais. Ao primeiro tipo, pertencem os elementos que encontram sua referência no universo bio-psíquico-social, designando entidades (*substantivos*), ações (*verbos*) e qualidades (*adjetivos*). No segundo tipo, estão os elementos que organizam os itens lexicais no discurso, tendendo a adequar-se a restrições morfosintáticas ou a veicular estratégias pragmático-discursivas, possuindo um valor estrutural ou funcional, como as *preposições*, as *conjunções*, os *artigos*, os *verbos auxiliares*, os *marcadores discursivos*. Entre os elementos gramaticais, incluem-se também as *desinências* e os *afixos*, chamados por Bloomfield de “formas presas” (*bound form*).

Dessa forma, o termo *gramaticalização* é usado em linguística diacrônica (ou histórica) para designar a passagem de uma categoria lexical, durante a evolução de uma língua para outra, a uma categoria gramatical (DUBOIS *et al.*, 1973), como foi o caso do substantivo latino *hora* que, através da expressão *ad hora*, resultou na conjunção coordenativa *ora* do português (COUTINHO, 1976). Como exemplo da passagem de uma forma livre a

uma forma presa, pode-se citar o substantivo \**haidus* (“maneira, modo”) do proto-germânico, que se tornou sufixo em algumas línguas germânicas, como o inglês (*brotherhood*, “irmandade”), o alemão (*Freiheit*, “liberdade”) e sueco (*tydlighet*, “claridade”).

No Funcionalismo linguístico, porém, o termo tem uma aplicação um pouco mais geral, conforme o conceito empregado por Heine *et al.* (1991a, citado por NEVES, 2004): “A gramaticalização consiste no crescimento dos limites de um morfema que avança de um valor lexical para um valor gramatical ou do menos para o mais gramatical, i. e., de um formante derivacional para um formante flexional.”

No estudo de uma mesma língua, a gramaticalização pode ser considerada um *paradigma* (quando focaliza a passagem de itens lexicais a itens gramaticais e o uso destes), ou um *processo* (quando se detém na passagem de itens gramaticais a itens ainda mais gramaticais). Além disso, o fenômeno pode ser estudado sob uma perspectiva *diacrônica*, se a explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua for a preocupação do estudo; ou sob uma perspectiva *sincrônica*, se o foco for a identificação de graus de gramaticalidade desenvolvidos por uma forma linguística a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua. Outra possibilidade metodológica é a *pancronia*, a combinação daquelas perspectivas (GONÇALVES *et al.*, 2007).

Apesar de o termo *gramaticalização* ser o mais difundido na designação do fenômeno, outros termos têm sido usados, tais como *gramatização*, *gramaticização*, que possuem uma relação maior com a perspectiva sincrônica, *reanálise*, *sintaticização*, *descoramento semântico*, *enfraquecimento semântico*, *desvanecimento semântico*, *condensação*, *redução* etc. (cf. NEVES, 2004; GONÇALVES *et al.*, 2007).

## GRAMATICALIZAÇÃO: UM FENÔMENO COMPLEXO

A passagem de um item lexical a um item gramatical, ou de um item gramatical a um item ainda mais gramatical, não se dá de forma rápida. Alguns estudiosos do assunto apontam diferentes estágios durante o processo. Lehmann (1995 [1982]) identifica três estágios básicos: *sintatização* (aquisição de propriedades que deslocam um item de sua classe categorial de origem), *morfologização* (passagem de uma forma livre, autônoma, a uma forma presa – afixos ou desinências) e *desmorfemização* (desaparecimento de um morfema, de modo que sua função passa a ser assumida por outros itens com os quais coocorre).

Além dos estágios apontados por Lehmann, costumam-se associar à gramaticalização alguns princípios, como os discutidos por Hopper (1991, citado por NEVES, 2004): *estratificação* (coexistência de formas com função similar, que podem ou não ser estáveis), *divergência* (uma forma lexical se gramaticaliza passando a um clítico ou a um afixo, mas a forma lexical original permanece como um elemento autônomo), *especialização* (possibilidade de um item se tornar obrigatório, pela diminuição da possibilidade de escolha), *persistência* (permanência de vestígios do significado lexical original, muitas vezes refletido em restrições sobre o comportamento gramatical do item) e *descategorização* (diminuição do estatuto categorial de itens gramaticalizados, e consequente aparecimento de formas híbridas).

Neves (2004), confrontando as ideias de Hopper com as de Lehmann sobre o processo de gramaticalização, afirma que este aponta tendências, que são as seguintes: *paradigmatização* (tendência de uma forma a se organizar em paradigmas), *obrigatorização* (tendência a se tornar obrigatória), *condensação* (tendência a se tornar mais curta), *aglutinação* (tendência a se aglutinar com formas adjacentes) e *fixação* (tendência a fixar uma ordem ou uma posição na sentença).

Haiman (1991 citado por NEVES, 2004), por sua vez, afirma que duas espécies de mudança são sempre associadas à gramaticalização: o *descoramento semântico* e a *redução fonética*. O descoramento (“bleaching”, *branqueamento semântico* ou *dessemantização*) pode ser descrito como a perda de conteúdo semântico. Para Matisoff (1991, p. 384), o descoramento é “a obliteração parcial de traços semânticos de um morfema, o despojamento de parte de seu conteúdo preciso para que possa ser utilizado de forma mais abstrata, como um dispositivo gramatical”.

A redução fonética (também chamada de *erosão fonética*, *atrito fonológico* ou *redução fonológica*) implica que uma expressão linguística perde substância fonética quando sofre gramaticalização. Heine (1993) diz que “uma vez que um lexema é conventionalizado como um marcador gramatical, tende a sofrer erosão, isto é, a substância fonológica é susceptível de ser reduzida de algum modo e de tornar-se mais dependente do material fonético circundante”.

Para Bybee (2003), a redução fonética é consequência da alta frequência de uso que sofre uma forma em vias de gramaticalização ou já gramaticalizada. A autora ainda aponta alguns mecanismos motivadores da gramaticalização: extensão metafórica, inferência, generalização, harmonia e absorção, os quais serão explicitados no estudo de caso feito aqui, sobre a gramaticalização da conjunção *embora*.

Uma vez que uma expressão linguística mudou de um significado lexical para um gramatical (*bleaching*), é susceptível de perder os elementos morfológicos e sintáticos que eram característicos da sua categoria inicial, mas que não são relevantes para a função gramatical. Heine e Kuteva (2007) chamam a isso de *descategorização*, ou *redução morfológica*.

No processo de gramaticalização, uma palavra lexical é transformada em uma palavra gramatical. O processo pelo qual a palavra deixa a sua classe original de palavras e entra em outra não é súbito, mas ocorre através de uma série gradual de deslocamentos individuais. Os estágios de sobreposição da gramaticalização formam uma cadeia, geralmente chamada de *cline*. Essas mudanças geralmente seguem padrões semelhantes em diferentes línguas (HOPPER e TRAUGOTT, 2003). Nem todos os linguistas concordam com a definição precisa de um *cline* ou com suas características exatas em determinados casos. Acredita-se que as etapas do *cline* nem sempre têm uma posição fixa, mas variam. No entanto, o famoso padrão de Hopper e Traugott para o *cline* de gramaticalização ilustra as várias fases da forma:

palavra lexical → palavra gramatical → clítico → afixo flexional

Este *cline* particular é chamado “cline de gramaticalidade”. Nele, cada item à direita representa uma forma mais gramatical e menos lexical do que o à sua esquerda. É muito comum que os verbos plenos (principais) se tornem auxiliares completos e, eventualmente, desinências verbais. Um exemplo desse fenômeno pode ser visto na passagem do verbo pleno latino *habeo* a auxiliar numa perífrase que indicava intenção, promessa e, posteriormente, a desinência verbal de futuro na maioria das línguas românicas (ital. *cantarò*, fr. *chanterai*, esp. *cantaré*, port. *cantarei* etc.).

Hopper e Traugott (2003) afirmam que o *cline* da gramaticalização tem implicações tanto diacrônicas quanto sincrônicas. Diacronicamente, os *clines* representam um caminho natural ao longo do qual as formas ou palavras mudam com o tempo. Contudo, sincronicamente, os *clines* podem ser vistos como um arranjo de formas ao longo de linhas imaginárias, com uma forma “plena” ou lexical numa extremidade e uma mais “reduzida” ou gramatical na outra. O que Hopper e Traugott queriam dizer é que, a partir de um ponto de vista diacrônico ou histórico, as mudanças de forma das palavras são vistas como um processo natural, ao passo que, sincronicamente, este processo pode ser visto como inevitável em vez de histórico.

O estudo e a documentação de *clines* recorrentes permitem aos linguistas determinar padrões gerais da gramaticalização e da mudança linguística em geral, o que é importante na reconstrução dos estados mais antigos de uma língua. Além disso, a documentação de mudanças pode ajudar a revelar os rumos que uma língua está propensa a seguir no futuro.

Um outro aspecto importante a ser discutido quando se fala de gramaticalização é a *hipótese da unidirecionalidade*, segundo a qual, na passagem de itens lexicais a gramaticais, ou de menos gramaticais a mais gramaticais, a direção preferida da mudança linguística é aquela apontada no *cline* acima, de modo que é muito menos susceptível um item gramatical se mover para trás, em vez de para a frente. Nas palavras de Bernd Heine (2002, p. 4), “a gramaticalização é um processo unidirecional, ou seja, vai do menos gramatical a formas e construções mais gramaticais”. Esta é uma das declarações mais fortes sobre gramaticalização, sendo frequentemente citada como um dos princípios básicos do processo. Além disso, a unidirecionalidade refere-se a uma orientação geral de desenvolvimento que todos (ou a ampla maioria) dos casos de gramaticalização têm em comum e que pode ser verificado, de modo geral, independentemente de qualquer caso específico.

### UM BREVE ESTUDO DE CASO: A GRAMATICALIZAÇÃO DE *EMBORA*

É comum em aulas de língua portuguesa sobre formação de palavras a aglutinação da expressão *em boa hora*, que resultou na forma *embora*. Entretanto, como o processo de gramaticalização não consta do currículo de nossas aulas de língua materna, ficam as indagações dos alunos sobre como se processaram todas as transformações semânticas e sintáticas que resultaram na forma bastante utilizada no português contemporâneo.

Vejamos, de forma resumida, as mudanças sofridas por *em boa hora*, à luz das principais teorias sobre a gramaticalização, já comentadas acima.

#### *Origem e ritualização*

Segundo Coutinho ((1976, p. 268), a forma *embora* proveio da expressão *em boa hora* (e esta do latim *in bonā horā* – equivalente ao espanhol *en hora buena*), que, de acordo com Said Ali (1971, p. 189), era comumente acrescida “a frases optativas ou imperativas, por sinceridade ou mera cortesia”, porque, na Idade Média e em séculos subsequentes, havia uma crença de que os atos seriam ou não bem sucedidos dependendo da hora em que eram praticados. Para Silva (2009), “para começar algo importante, era

fundamental escolher a boa hora”, por isso se usava com bastante frequência a locução adverbial. Como exemplo do uso original da expressão, Said Ali cita: (1) Que dissesse **em boa hora** o que lhe aprouvesse.

Neste fragmento de *Peregrinação*, escrita por Fernão Mendes Pinto na década de 70 do séc. XVI, de acordo com Saraiva (2008), verifica-se o emprego da expressão já em variação com sua forma aglutinada:

e depois de auer ia noue dias que aquy estauamos, nos fomos despedir della, & beijandolhe a mão nos disse: certo que me pesa de uos yrdes tão cedo, mas ja que he forçado ser assim, ydeuos muyto **embora**, & seja **em boa hora** a uossa tornada aa India, que quando la chegardes uos recebão os uossos como o antifo Salamão recebeo a nossa Raynha Sabaa na casa admirauel de sua grandeza. (FELÍCIO, 2008, p.135)

Para expressar a ideia contrária, havia, no português arcaico, as formas adverbiais *aramá*, *eramá* e *ieramá*, todas contração de *em hora má* (cf. COUTINHO, 1976; SILVA, 2009), além de *má hora*.

O seguinte trecho do *Auto de Mofina Mendes* (1515), de Gil Vicente, já traz a expressão *em boa hora* aglutinada, mas mantendo ainda seu sentido original, como um valor adverbial temporal, em antítese com sua expressão oposta **má hora**:

(2)  
Paio Vaz, se queres gado,  
dá ó demo essa pastora:  
paga-lho seu, vá-se **embora**  
ou **má hora**, e põe o teu em recado.

Para Haiman (1994, citado por BYBEE, 2003), o processo de gramaticalização assemelha-se ao que os antropólogos chamam de *ritualização* – processo evolutivo de alteração de um padrão de comportamento de maneira que este novo padrão também tenha a função de comunicação – e aponta quatro fases desse processo: *habituação*, *automatização*, *redução de formas* e *emancipação*.

A *habituação* é a repetição de um objeto ou expressão cultural e a consequente redução de sua força significativa e, portanto, de seu significado original. No caso aqui estudado, a expressão *em boa hora*, de tanto ser usada como expressão optativa em contextos em que algo deveria se realizar, teve sua carga semântica atenuada e passou a ser usada com mais frequência e em situações diversas.

A *automatização* é a consequência da habituação: uma sequência de unidades é reanalisada como um só bloco, com as unidades anteriormente separadas perdendo seu significado individual. Isso explica a anteposição de *muito* a toda a expressão (*muito em boa hora* > *muito embora*), e não antes do adjetivo, como ocorria inicialmente (*em muito boa hora*).

A *redução*, que é a perda de material sonoro, será discutida mais adiante. A *emancipação* ocorre quando a função mais instrumental e original da prática dá caminho a uma função mais simbólica inferida do contexto no qual ocorre. Foi o que aconteceu com a expressão aqui analisada, que antes significava um voto de êxito e, alguns séculos depois, passou a ser usada como mera partícula de realce ou com uma ideia de concessão.

#### *Especialização e descoramento semântico*

Usada como marcador temporal (*Devo ir quando?* → *Deves ir em boa hora*), a expressão, inicialmente, poderia acompanhar quaisquer verbos de ação ou de estado, como mostram os trechos abaixo:

(3)  
e que fosse Deos louvado  
que **em bo'hora** eu cá nacera  
(Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*, 1517)

(4)  
Então abraçavãose huns aos outros com muytas lagrimas e choros  
dizendo: “irmãos meus, fica muyto **embora**”  
(Serafim Leite. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*, citado por FELÍCIO, 2008)

(5)  
certo que me pesa de uos yrdes tão cedo, mas ja que he forçado ser  
assim, ydeuos muyto **embora**, & seja em boa hora a uossa tornada aa  
India  
(Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, citado por FELÍCIO, 2008)

Seu uso em orações optativas, no entanto, a tornou muito frequente com verbos que indicavam partida (*ir-se, partir*) ou chegada (*chegar, vir*), o que lhe foi acrescentando, por volta do século XVI, segundo Felício (2008), o sentido de “afastamento”, “deslocamento espacial”, o que já se verifica neste trecho do *Auto da Barca do Inferno* (6) e no do *Santuário Mariano e a Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora* (7, citados em FELÍCIO, 2008):



(6)

Venhais **embora**, Fernando!

Eu t'esperarei á portella.

(7)

os armazéns de El-Rei sem nenhum sobressalente, e os cofres do Tesouro exauridos, confesso-te meu Conde que eu de todo esmoreci, me lembrou tornar-me a ir **embora** (...)

Assim, as possibilidades de uso de *embora* como locução adverbial foram-se restringindo a verbos de movimento, o que pode ser considerado um caso de *especialização* de Hopper.

Relembrando as palavras de Matisoff (1991) sobre o descoramento semântico, podemos agora perceber como se deu esse fenômeno no caso de *embora*, que, perdendo o valor semântico de “tempo, momento oportuno”, ganhou o de “afastamento” e, posteriormente, o de contraste, quando se tornou uma conjunção concessiva.

Traugott e Dasher (2005 citados por MARTELOTTA, 2008) defendem haver uma tendência geral de os elementos linguísticos caminharem na direção de uma subjetivização (com aumento da expressividade consequente da perspectiva do emissor) e de uma intersubjetivização (em função de essa expressividade estar voltada para as expectativas do receptor). É o que parece ter acontecido com o item *embora*.

Para Said Ali (1971, p. 190), a origem do valor contrastivo de *embora* está no fato de que seu uso original também podia introduzir sentenças para “denotar que se concede a possibilidade do fato, ou que o indivíduo que fala não se opõe ao seu cumprimento”. E, para ilustrar isso, o autor cita o seguinte exemplo:

(8)

Ria **embora** quem quiser, que eu em meu siso estou.

Felício (2008) afirma que, já no século XVI, *embora* começa a ampliar seu contexto de uso e a adquirir o valor contrastivo. A autora ilustra sua afirmação com um trecho do *Auto Pastoril Portuguese*, de Gil Vicente:

(9)

Agora, agora, agora  
Esta dona que lá vai  
Soma que casei **embora**  
Sem licença de meu pae;  
E diz que não a quer por nora.

Nesse trecho, *embora* ocorre em um contexto de negação implícita (“sem licença de meu pae”), possibilitando uma interpretação contrastiva com o verso anterior. A autora defende que, nesse contexto, há a possibilidade de duas interpretações: (i) uma em que *embora* carregue ainda o sentido original (“casei em boa hora, sem licença de meu pai”); (ii) outra em que *embora* estabelece uma ideia de concessão entre os versos (“casei, embora sem licença de meu pai”).

Do emprego como conjunção concessiva, surgiu a possibilidade, conforme Felício (2008), do uso de *embora* sem a presença do verbo, à guisa de preposição, como neste trecho de reportagem da revista *Veja* sobre a exploração da Lua, publicada em 1969 (Disponível em <[http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/exploracao\\_espaco/arquivo/300769.html](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/exploracao_espaco/arquivo/300769.html)>):

(10)  
Mas os heróis voltaram sorridentes e felizes, **embora** cansados.

O uso de *embora* como preposição é defendido no dicionário Aurélio (2009), que apresenta o seguinte para o verbete:

(...) *prep* **3** A despeito de; apesar de: “Bela, *embora* o ar triste, a aparência doentia, / Uma prece na boca, uma prece no olhar, / Era pálida e fria.” (Alberto de Oliveira, *Póstuma*, p. 46) [É censurado (e nenhum outro dicionário o registra) esse uso de *embora* como preposição, apesar de existirem várias ocorrências dele.] (AURÉLIO, 2009, p. 730)

No português contemporâneo, *embora* é frequentemente usado com verbos de afastamento (sobretudo *ir[-se]* e *levar*) como uma partícula expletiva, que reforça a ideia contida no verbo. Esse uso se verifica no poema *Vou-me embora pra Pasárgada*, de Manuel Bandeira, e nos seguintes versos desta conhecida canção, *Me dê motivo* (11), de Michael Sullivan e Paulo Massadas, eternizada na voz de Tim Maia, e nesta outra *Aqueles olhos* (12), de Cesar Augusto e Elias Muniz, gravada pela dupla sertaneja Leandro e Leonardo:

(11)  
Mê de motivo  
P’ra ir **embora**,  
Estou vendo a hora  
De te perder.  
Mê de motivo,  
Vai ser agora.  
Estou indo **embora**.  
O que fazer?

(12)  
Onde estão aqueles olhos  
Que eu busco pelo mundo  
afora?  
Quando amanheceu o dia  
O sol levou **embora**.  
Onde estão aqueles olhos  
Que eu trago na  
imaginação?  
Seu brilho invadiu meu quarto  
E meu coração.

Verifica-se que, neste caso, o item *embora* atingiu o ápice do processo de descoramento semântico, reduzindo-se a uma mera partícula de reforço, tanto que, na fala espontânea, é frequentemente repetida (após a aglutinação – v. Adiante – com a forma *vamos*, do verbo *ir*), como em (13) e em (14):

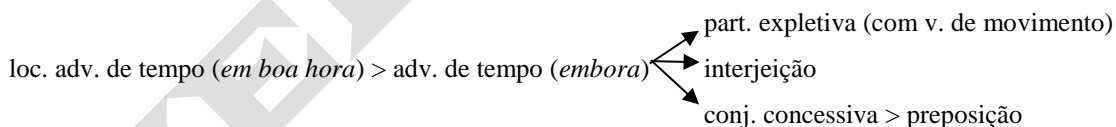
(13)  
Vam'**bora embora!**

(14)  
**Bora embora!**

Além desses usos, os dicionários apontam uma outra classificação de *embora*, que é a de interjeição, com o sentido de “Não importa!” (Dicion. Michaelis *on-line*), “Ora!”, “Tanto faz!” (Dicion. Aurélio, 2009; Houaiss, 2009; Aulete, 2011), como no seguinte trecho de *Eles não usam black-tie*, peça de Gianfrancesco Guarnieri:

(15)  
TIÃO – Com franqueza, velho... Me dá uma segura de saí daqui!  
JESUÍNO – Sim, e ir pra onde. . . ?  
TIÃO – **Embora!** Não te enche essa vida, não. Trabalha, trabalha... e sempre lutando... E pra quê?  
JESUÍNO – É o jeito, é se virá... Escuta, tu não tá topando muito a greve não, não é?  
TIÃO – Deixa isso pra lá, amanhã a gente conversa.

Pode-se, então, descrever a gramaticalização de *embora* conforme o esquema:



#### *Condensação e aglutinação/erosão fonética*

Para Lehmann (1985, citado por NEVES, 2004), a gramaticalização é marcada por tendências, dentre as quais está a *condensação*, segundo a qual as formas tendem a ficar mais curtas.

No caso da expressão *em boa hora*, tal como usada até o séc. XVI, verifica-se a perda do material fonético iniciada com a elisão (cf. COUTINHO, 1976, p. 148) do **-a** de *boa*, resultando em *em bo' hora*, forma atestada em (3), seguida da crase (*id.*, *ibid.*) dos **oo**, o que

originou a forma *embora*, hoje a forma oficial dicionarizada. O processo de condensação continua a agir na língua, de modo que, na fala cotidiana, é comum ouvir-se a forma *'bora* ou até mesmo *'bó*. Entretanto, a redução de *embora* para *bora* ou *bó* só se verifica, no estágio atual da língua, quando a forma é usada como partícula expletiva, sobretudo do verbo *ir*, passando a substituí-lo no imperativo (Ex.: “Bó pra casa!”), cujo uso é mais frequente do que como conjunção concessiva. Isso corrobora a tese de Bybee (2003) sobre o papel da repetição na gramaticalização, quando afirma que a mudança sonora afeta primeiro os itens de alta frequência.

Outra tendência apontada por Lehmann é a *aglutinação*, segundo a qual as formas adjacentes tendem a fundir-se. Muito usada com o verbo *ir* em sua forma pronominal (*ir-se* = afastar-se, partir), ocorre que o pronome átono *se* tende a aglutinar-se com *embora*, resultando em *simbora*, como atestam o título da música da banda baiana Ásia de Águia, *Simbora*, e o da banda Aviões do Forró, *Simbora beber*. Também ocorre de a forma *vamos*, do verbo *ir*, aglutinar-se com *embora*, como atesta o título da canção composta e gravada por Adriana Calcanhotto, em 1998, *Vambora*, e o do 31º disco da cantora Elba Ramalho, *Vambora lá dançar*, de 2013.

A condensação e a aglutinação são formas de *erosão fonética*, que, segundo Bybee (2003), é uma das consequências mais reconhecidas da gramaticalização e se dá, sobretudo, em decorrência da alta frequência de uso.

### *Persistência*

Neves (2004, p. 125), comentando os estágios apontados por Hopper na gramaticalização das formas, explica que “quando uma forma sofre gramaticalização, enquanto ela for gramaticalmente viável, alguns traços de seus significados lexicais originais tendem a subsistir, e particularidades de sua história lexical podem ser refletidas em restrições sobre sua distribuição gramatical”.

É o que, conforme Felício (2008), justifica ainda hoje o uso do subjuntivo após a conjunção *embora* em orações subordinadas adverbiais concessivas. Por ser o subjuntivo o modo das frases optativas (ex. *Deus me livre! Macacos me mordam!*), foi este o modo que se fixou nas orações em que *embora*, originalmente uma expressão de desejo, era usada, como no exemplo (16), fornecido pela autora (p. 145):

Bem erco que se ira fazendo deligencia na compra e feitio das farinhas e outras coussas e o que mais importa he uir o cobre de Flandres e asy percure se ua ajuntando tudo pera que quando eu ua **embora** não tenha ahy demora porque me será necessario acudir logo a Paris.

Ainda conforme Felício (2008), outro indicativo da conservação de traços semânticos originais de *embora*, ou seja, de expressão de tempo, no português atual é o uso do advérbio *muito* acompanhando a conjunção concessiva. Ora, conforme aponta Sacconi (2011), advérbios não precedem conjunções, portanto não devem ser usados com elas. Nesse caso, o advérbio continua sendo empregado com *embora* porque seu uso era perfeitamente possível no passado, como um intensificador de *boa* (*em hora muito boa* > *muito em boa hora* > *muito embora*).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda haveria muito a detalhar e a discutir sobre a transformação da expressão *em boa hora* à palavra *embora* e sobre todas as mudanças linguísticas que acompanharam esse processo, mas o objetivo deste artigo é expor, em linhas gerais, como se dá o fenômeno da gramaticalização, usando como exemplo o caso de *embora*.

Percebe-se, pelo exposto, que a gramaticalização de *embora* pode ser apontada como um caso prototípico do processo, pois contempla todas os princípios apontados por Hopper (1991), bem como as tendências estabelecidas por Lehmann (1985) e os estágios discutidos por Haiman (1994), além de servir de modelo para as ideias de Bybee (2003). Outros aspectos poderiam ser discutidos, mas o que foi exposto até aqui, a nosso ver, atende ao objetivo maior deste artigo: mostrar, em linhas gerais, o processo de gramaticalização e compreender as mudanças por que passou a expressão *em boa hora* até chegar à forma *embora*, e por que não dizer às formas *bora* e *bó*, tão usadas no português do dia a dia.

Espera-se que este artigo seja útil àqueles que, curiosos por compreender a língua que usam, queiram compreender além do que dizem as gramáticas normativas sobre a palavra *embora*, bem como possa ser mais bem desenvolvido posteriormente para contemplar aspectos que não foram aqui aprofundados sobre o assunto.

## REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. *Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011, p. 535.

BYBEE, Joan. “Mechanisms of Change in Grammaticization: The Role of Frequency”. In JOSEPH, Brian D. and JANDA, Richard D. *The Handbook of Historical Linguistics*. Cap. 19. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

CAMPBELL, Lyle e HARRIS, Alice C. *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

FELÍCIO, Carla Patrícia. *A gramaticalização da conjunção concessiva ‘embora’*. 2008. 188f. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Dicionário Aurélio*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009, p. 730.

GONÇALVES, Sebastião C. Leite *et al.* (org.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUARNIERI, Gianfrancesco. *Eles não usam black-tie*. Disponível em < <http://pt.scribd.com/doc/51113881/Eles-Nao-Usam-BlackTie-Gianfrancesco-Guarnieri>> Acesso em: 5 fev. 2013.

HEINE, Bernd. *Cognitive Forces and Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 1993. Disponível em < [http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=\\_d2m78LjrJAC&oi=fnd&pg=PP12&dq=Cognitive+Forces+and+Grammaticalization.&ots=eOoKnFdZyo&sig=kOoRg4s9g04xfvy\\_S2e72RKYawo](http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=_d2m78LjrJAC&oi=fnd&pg=PP12&dq=Cognitive+Forces+and+Grammaticalization.&ots=eOoKnFdZyo&sig=kOoRg4s9g04xfvy_S2e72RKYawo)> Acesso em 8 fev. 2013

HEINE, Bernd e KUTEVA, Tania. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. Disponível em < [http://ebookey.org/World-Lexicon-of-Grammaticalization\\_1248173.html](http://ebookey.org/World-Lexicon-of-Grammaticalization_1248173.html)> Acesso em: 8 fev. 2013.

HEINE, Bernd e KUTEVA, Tania. *The Genesis of Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2007. Disponível em < <http://lotos.library.uu.nl/publish/articles/000283/bookpart.pdf>> Acesso em 8 fev. 2013.

HOPPER, Paul J. e TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. Disponível em < <http://ccat.sas.upenn.edu/~haroldfs/dravling/hopper1.html>> Acesso em: 8 fev. 2013.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 735.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization: A programmatic sketch*. Colônia: Arbeiten des Kölner Universalien – Projekts 48, 1995 [1982]. Disponível em < <http://ebookbrowse.com/thoughts-on-grammaticalization-pdf-d43705358>>

MARTELOTTA, Mário Eduardo. “Gramaticalização de conectivos portugueses: uma trajetória do espaço para o texto.” *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, n. 2. Lisboa: Edições Colibri/CLUNL, 2008, pp. 41-60.

MATISOFF, J. “Areal and universal dimensions of grammaticalization in Lahu”. In: TRAUGOTT, E.C. and HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization vol. II*, Benjamins, Amsterdam, 1991 (pp. 383-454). Disponível em < [http://books.google.com.br/books/about/Approaches\\_to\\_Grammaticalization.html?id=IY7iQKrdOpkC&redir\\_esc=y](http://books.google.com.br/books/about/Approaches_to_Grammaticalization.html?id=IY7iQKrdOpkC&redir_esc=y)> Acesso em: 8 fev. 2013.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SACCONI, Luiz Antonio. *Não erre mais*. 31. ed. São Paulo: Nova Geração, 2011.

SAID ALI, Mohammed. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1971.

SARAIVA, Arnaldo. *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto revisitada – e sua teoria moderna da viagem*. (2008) Artigo – Revista do Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” – n. 1 – Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8836.pdf>> Acesso em: 3 fev

SILVA, Deonísio da. *De onde vêm as palavras*. 16. ed. São Paulo: Novo Século, 2009.

## **ABSTRACT**

*The article shows the process of grammaticalization suffered by item embora in Portuguese language, since its origin as an expression optional in archaic Portuguese to its uses with different grammatical functions in contemporary Portuguese. It starts with a brief approach to grammaticalization concepts and phenomena associated with it, using as theoretical work of Heine, Hopper, Lehmann, Bybee, Neves, Martelotta and Felicio, among others. It aims to go beyond observation customarily made by traditional grammars while citing as an example of a word formed by the process of assemblage composition and it provides subsidies for understanding the syntactic and semantic changes undergone by the word. To illustrate the occurrences of embora in its various contexts, stages and functions, it uses examples from the corpus of Felicio (2008) and some popular Brazilian songs. It concludes that the grammaticalization of embora is a prototypical case of the phenomenon in Portuguese, since it presents all the stages and trends indicated by the great searchers of the subject.*

**Key words:** Grammaticalization. Conjunction. Embora.

Envio: Agosto/2013  
Aprovado para publicação: Outubro/2013